



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Forró é destino

Ao comprar um novo carro, uma das exigências era de que ele tivesse aparelho para tocar CD. Reconheço as inovações da tecnologia, mas gosto da materialidade do CD e do livro físico. Eu acho muito bom ouvir música no carro que, em Brasília, sempre tem o seu momento de espacividade, segundo o poeta Francisco Alvim. Há algumas semanas, fiquei com vontade de escutar uma antologia de Elba Ramalho. Fui a uma rara discoteca, mas não encontrei. Então, levei um mais recente. Logo de cara, gostei muito da faixa que

abre o disco, *Olhando o coração*, que empurra a gente com o som da sanfona.

Era um forró clássico, mas com uma poesia mais requintada, que me chamou a atenção: “O meu andar pelo mundo/É um andar bem profundo/vai onde tem um forró/uma alegria uma dança/meu coração não se cansa/de uma festa encontrar”.

Elba Ramalho, a um só tempo, moderniza e imprime uma marca ancestral nordestina em suas interpretações. Mas eis que ao folhear o encarte me deparo com a surpresa: o autor da linda canção é brasileiro, é Clémio Ferreira, em parceria com Dominginhos. O interessante na letra de Clémio é que o forró é apresentado quase como uma utopia de felicidade e como um destino brasileiro ou nordestino. Sem premeditar, Clémio fez uma canção para celebrar o reconhecimento

do forró como patrimônio cultural brasileiro pelo Iphan.

Ele é um poeta que tira de letra. E, na voz de Elba, as suas palavras ganham sopro, relevo e dramaticidade: “Mas por enquanto nem tento/apreciar as estrelas/olhar pro céu é vê-las/piscarem luzes no chão/eu cá por mim me contento/e sem querer ofendê-las/Em vez de olhar estrelas/olho pro meu coração”.

Os irmãos piauienses Clodo, Clémio e Clésio sempre me pareceram índios ianomâmis. Clésio e Clodo já nos deixaram, mas legaram também lindas canções. Eles não são de briga; são de festa. Não é por acaso que quando se encontraram com Nara Leão se tornaram grandes amigos. A ponto de Nara ter composto a única canção em homenagem aos amigos piauienses.

Clémio chegou a Brasília em 1962, aos

18 anos, para morar na Cidade Livre, futuro Núcleo Bandeirante, na 4ª Avenida, uma espécie de cidade cenográfica de filmes de faroeste, erguida a toque de caixa para abrigar o comércio, os hotéis e outros serviços. Veio com uma carga muito forte de cultura nordestina. Em Teresina, assistiu a autos populares, festas de são-joão, forrós, shows de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga.

Levou um susto ao ver Gonzagão metido numa roupa encourada de cangaceiro misturada com vaqueiro, em um show promovido pelo Colírio Moura Brasil. Ficou maravilhado com a indumentária, a sanfona, a performance teatral e o sotaque. Pela idade e pela vivência, tinha tudo para ser roqueiro, acompanhava o movimento, ouvia os discos, mas o rock não pegou em sua pele como ocorreu com a maioria das pessoas de sua geração.

A sanfona lhe diz muita coisa, o rock não. Ele não se jacta de nada, considera até um defeito não ter sido contaminado pela energia do rock. Em Brasília, reencontrou um pedaço desgarrado do Nordeste e um espaço para ser piauiense/brasiliense. Tornou-se professor da Universidade de Brasília, fez doutorado no Canadá, mas não perde o despojamento de índio piauiense.

Olhando o coração é uma das 60 músicas que os irmãos piauienses compuseram com Dominginhos, a quem conheceram em Brasília, em 1979. É um hino ao forró e aos poderes de imantação da música: “O meu andar pela vida/é sem controle errante/é como um sonho de amante/que acredita no amor/e nessa trilha perdida/no rumo desconhecido/o meu andar atrevido/cura a ferida e a dor”.

TRAGÉDIA / Adrian Coelho, de 10 anos, foi sepultado ontem em clima de comoção e revolta. Familiares reclamam da falta de manutenção na rede elétrica e dizem que o abastecimento de eletricidade demorou a ser cortado no dia do acidente

Corpo de criança eletrocutada é enterrado

» GUSTAVO AGUIAR
ESPECIAL PARA O CORREIO

A família Feitosa Coelho, de Planaltina, enterrou ontem o filho Adrian, de 10 anos. O destino se inverteu: pai, mãe, tios e avós tiveram que depositar em um pequeno caixão as esperanças, as promessas e o último adeus a uma criança, depois que o menino foi eletrocutado por um fio de alta-tensão, que se rompeu durante a chuva forte da última quinta-feira.

Durante o velório, Marleide, a mãe, e o pai, Derek, não saíram do lado do filho morto. Eles não quiseram falar com a imprensa e pediram privacidade durante o cortejo. Muito emocionados, receberam o consolo de familiares e amigos. Além das saudades dos abraços de Adrian, carregaram o sentimento de revolta com o que alegam ser a falta de manutenção na rede elétrica do Distrito Federal.

A Neoenergia, responsável pelo serviço, cobriu os custos do enterro. Em nota, afirmou ter disponibilizado assistência social e psicológica à família e diz que colabora com as autoridades na investigação

da causa da tragédia. Sugere que uma placa metálica, que teria sido arrastada pelos ventos fortes na quinta-feira e foi encontrada em cima da fiação rompida, pode ter sido o motivo do acidente.

Deise Coelho, 37, tia de Adrian, afirma que a empresa não agiu rápido o suficiente para cortar o abastecimento de energia. Diz que a fiação, mesmo rompida, permaneceu transmitindo corrente elétrica.

Família inconsolada

O sepultamento de Adrian foi no Cemitério de Planaltina. Sobre o caixão, muitas flores e a bandeira do Flamengo, time do coração do menino. O sonho dele era ser jogador de futebol. A paixão pela bola, ele compartilhava com o tio Flaézio, 32, com quem praticava o esporte aos fins de semana. À noite, podia ser visto com toda a família na igreja da Comunidade Evangélica Preciosa Graça.

“Ainda não dá para acreditar que ele se foi”, diz Flaézio. Ele conta que, no dia do acidente, havia acabado de chegar ao trabalho, em um restaurante na Asa Sul,

Gustavo Aguiar/Especial para o Correio



Adrian sofreu uma descarga elétrica de um fio de alta-tensão na quinta-feira, em Planaltina

quando o cunhado telefonou para lhe dar a notícia. “O meu chão abriu. Nem bati meu ponto, voltei correndo para casa. Perdi mais do que um sobrinho. Ele era meu amigo. Dos filhos da minha irmã, o mais carinhoso.”

A parte mais difícil, ele conta,

foi explicar o que aconteceu com Adrian ao irmão Daniel, de 7 anos. “Eles eram muito ligados. Não sei como vai ser agora.” Vestido todo de branco, o menino podia ser visto correndo no gramado em volta da capela do cemitério ao lado de outras crianças. Além dele e dos

colegas da escola e da igreja, Adrian deixa mais duas irmãs: Alice, de 3 anos, e Agatha, de apenas 1.

Tragédia

A tragédia aconteceu na Estância 4, bairro de Planaltina. O

menino sofreu uma descarga elétrica fatal ao encostar em um veículo energizado no momento em que saía de outro carro próximo. A mãe quis socorrer o filho, mas foi impedida por testemunhas, que temiam um novo choque. O Corpo de Bombeiros (CBMDF) tentou reanimá-lo, mas Adrian não resistiu.

Segundo testemunhas, os fios rompidos com a chuva teriam se enroscado na antena e nas rodas de dois carros — em um deles, estavam Adrian e a mãe. A sobrecarga de energia gerou faíscas e fumaça, e os carros teriam começado a pegar fogo. Um dos pneus chegou a derreter. Marleide abandonou o veículo e gritou para o filho fazer o mesmo.

Em depoimento à polícia, a mãe de Adrian contou que decidiu parar o carro a cerca de 300 metros de casa, após ver pessoas acenando e gritando para ela abandonar o veículo. Assustada, ela saiu do carro às pressas e pediu que o menino corresse e se protegesse da chuva debaixo da marquise de uma loja. Foi nesse momento que, ao dar o primeiro passo, Adrian teria sofrido a descarga elétrica.

OBITUÁRIO

Arnaldo Gomes, atleta pioneiro

» JOSÉ CRUZ
ESPECIAL PARA O CORREIO

Vítima de acidente de carro, morreu ontem o carioca Arnaldo Gomes, 82 anos, que morava na capital federal desde maio de 1960. Ele estava internado na UTI do Hospital Brasília, onde passaria por uma cirurgia, mas não resistiu aos graves ferimentos. Segundo o médico e cirurgião Rafael Frota, Arnaldo teve fraturas nas costelas, do lado esquerdo, e no externo (centro do tórax). O acidente ocorreu na manhã de sexta-feira, por volta das 8h, na altura da QL 24, conjunto 4, do Lago Sul.

Desde cedo, Arnaldo destacou-se na sociedade brasiliense, tanto na prática de tênis de mesa, futebol, futebol de salão e

Arquivo pessoal



Arnaldo Gomes sofreu um acidente de carro no Lago Sul

tênis quanto na gestão do esporte. Foi um profissional polivalente nos gabinetes do Legislativo e fora deles. Formado em administração e economia, foi aprovado

em 11º lugar em concurso para o Senado Federal, onde chegou à direção da Gráfica do Senado.

No esporte, além de atleta, presidiu a Associação de

Garantia do Atleta Profissional e a Federação Brasiliense de Tênis por oito anos, divididos em dois mandatos. Por conta dessa atividade como gestor e atleta, tornou-se amigo íntimo de Pelé, tendo, inclusive, sido padrinho do segundo casamento do Rei, com Assíria Lemos.

O primeiro time de futebol que Arnaldo atuou em Brasília foi o Rabello, que se sagrou tetracampeão candango, na temporada de 1964 a 1967. Os contemporâneos de Arnaldo são unânimes em afirmar que era um excelente ponteiro esquerdo, de tal forma que atuou nas principais convocações da Seleção de Brasília. É lembrado, também, por ter marcado o primeiro gol da Seleção.



Morte no estádio

Um prestador de serviço, que trabalhava como técnico de som na montagem de um evento no Estádio Mané Garrincha, sofreu uma descarga elétrica e morreu na tarde de ontem. O funcionário era Renato Pena do Carmo, de 32 anos. O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) foi acionado e os socorristas tentaram reanimar o homem, que encontrava-se em parada cardiorrespiratória, mas ele não resistiu. A Arena 360, empresa que administra o estádio, divulgou uma nota lamentando o ocorrido e manifestou sentimentos à família, amigos e colegas de trabalho de Renato.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 22/03/2025

» Cemitério Campo da Esperança

Álvaro Rodrigues Paulo, 97 anos
Caio Felipe Silva dos Santos, 25 anos
Carlos Henrique Fernandes dos Santos, 77 anos
Dasico Barbosa Rego, 73 anos
Erlinton Fernandes de Oliveira, 82 anos
Fábio Alves de Oliveira, 36 anos
Fábio Moura de Carvalho, 40 anos

Francisco Malaquias Soares, 78 anos
José Batista de Melo, 70 anos
Joventina Gomes de Souza, 80 anos
Mária Prudenciana Luiz, 72 anos
Mária Ribeiro Melo de Freitas, 79 anos
Marina Almeida Vasconcelos, 79 anos
Osmar Januário de Lima, 68 anos
Sebastião Salviano, 72 anos
Sérgio Rodrigues dos Santos, 53 anos
Ugo Antônio Paladia, 84 anos

Walter Tiago Soares de Carvalho, 39 anos

» Cemitério de Taguatinga

Célia Maciel Fernandes, 85 anos
Isabella Marinho dos Santos, 2 anos
José Barboza, 91 anos
Mária Augusta de Brito, 76 anos
Mária de Lourdes Silva, 73 anos
Pedrina Senhorinha Lopes Pereira, 97 anos
Terezinha da Silva, 94 anos

» Cemitério do Gama

Cláudio André Gonçalves Silva, 49 anos
Euclides Alves da Silva, 75 anos
Francisco de Assis dias da Silva, 84 anos
Irani Mária Vieira, 65 anos
Mária Oselith Pereira Ribeiro, 56 anos
Neusa Mária da Silva Santana Maia, 40 anos
Cemitério de Planaltina
Adrian David Feitosa Coelho, 10 anos

José Duhz, 83 anos
Mária das Graças Clara dos Anjos, 65 anos

» Cemitério de Brazlândia

Ângela Cristina Matias Avelino, menos de 1 ano
Mayte Helena Santos da Silva, menos de 1 ano

» Cemitério de Sobradinho

Fabrcício Gomes Pereira, menos de 1 ano
Mária Francelino da Silva, 78 anos
Rômulo Arantes Costa, 77 anos

Rosely Gonçalves de Araújo, 76 anos

» Jardim Metropolitano

Jorge César Oliveira Santos, 69 anos
Espedito Antônio da Silva, 83 anos
João Queiroz de Lima, 73 anos (cremação)
Graciete Ribeiro da Silva Nogueira, 98 anos (cremação)
Henrique da Costa Ferreira Filho, 90 anos (cremação)